



2º SG-FN-IF Marcone Otávio José da Silva
marconeotavio@uol.com.br

Os cães em prol da Defesa Nuclear, Biológica, Química e Radiológica

Qualquer guerra é um espetáculo sangrento e abominável. Mas até para matar há limites: as armas não devem causar ferimentos supérfluos, cruéis, desumanos ou degradantes. Isso em teoria. Pois o homem inventa, produz, armazena e está pronto para usar um arsenal tão perverso que até a ténue ética da mortandade fica manchada. São as armas químicas, chamadas “bomba atômica dos pobres”, pois podem ser preparadas em qualquer país que disponha de uma indústria de fertilizantes químicos ou pesticidas medianamente desenvolvida. (Fátima Cardoso)

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) marcou a entrada da química nos campos de batalha. Em 1915, o cientista alemão Fritz Haber teve uma ideia para obrigar as tropas inimigas a sair da proteção das trincheiras e aceitar o combate a céu aberto: espalhou gás cloro em um *front* perto da cidade belga de Ypres. Foi uma devastação, cinco mil desprevenidos soldados franceses foram mortos e outros dez mil ficaram feridos. O cloro pertence ao grupo dos gases sufocantes, que irritam e ressecam as vias respiratórias. Para aliviar a irritação, o organismo segrega líquido nos pulmões, provocando um edema. A vítima morre literalmente afogada.

Como se não bastasse o cloro, a desenvolvida indústria química alemã, especialmente a famosa IG Farben, redescobriu o gás mostarda, inventado meio século antes, na Inglaterra. Além de atacar o revestimento das vias respiratórias, provocando feridas e inchaço, esse gás com cheiro de mostarda (daí o nome) provoca bolhas e queimaduras na pele e cegueira temporária; se inalado em grande quantidade, mata. Os franceses retrucaram com cianeto de hidrogênio e o ácido prússico, chamados gases do sangue. Quando inaladas, as moléculas desses gases se unem à hemoglobina do sangue, impedindo-a de se combinar com o oxigênio para transportá-lo às células do corpo, o que causa a morte.

Ao todo, as mortes provocadas por gases venenosos na Primeira Guerra Mundial somaram perto de 100 mil; os feridos, em torno de 1,3 milhão. Apesar disso, a fama de vilão recaiu exclusivamente sobre Fritz Haber, o mentor do ataque alemão a Ypres. Pouco lhe valeu ser contemplado com o Prêmio Nobel de Química em 1918, sob protesto dos cientistas, por ter conseguido a síntese da amônia, inventando assim os fertilizantes químicos. Quando Hitler chegou ao poder na Alemanha em 1933, Haber, por ser judeu, emigrou para a Inglaterra. Ao encontrá-lo em Londres, logo em seguida, o físico inglês Ernest Rutherford, também Prêmio Nobel, recusou-se a apertar-lhe a mão. O

criador da guerra química morreu no ano seguinte, de ataque cardíaco. Em 1925, a Liga das Nações, precursora da ONU, havia proibido no Protocolo de Genebra o uso militar de gases asfixiantes, tóxicos e outros, assim como o uso de agentes bacteriológicos.



Figura 1: Durante a Primeira Guerra, um sargento francês e o seu cão usam máscaras contra gás na linha de frente
Fonte: Sítio National Geographic Brasil

A Liga omitiu-se, porém, quanto à fabricação e à estocagem desses venenos. Mal tinha secado a tinta do protocolo, a Espanha reprimiu com gás mostarda uma revolta em Marrocos, então sua possessão. Em 1931, o Japão usou fartamente armas químicas na invasão da Manchúria, onde também realizaria horrendas experiências de guerra bacteriológica. Em 1936, as tropas italianas jogaram gás mostarda na Etiópia, matando homens, animais e envenenando rios (CARDOSO, 1989).



Figura 2: Tropas iraquianas atacam a aldeia Halajba com gás mostarda em março de 1988
Fonte: Blog Professor James Onnig (<https://professorjamesonnig.wordpress.com>)

Com o crescimento dos ataques terroristas ao redor do mundo, o uso de cães tornou-se mais uma ferramenta para a proteção contra ataques químicos e biológicos, devido ao seu potencial olfativo capaz de detectar ameaças potenciais e com isso minimizar baixas e eliminar os falsos alarmes. Ao longo do tempo, o cão demonstrou o valor do seu olfato, obtendo sucesso em diversas áreas, como: detecção de artefatos explosivos, entorpecentes, cadáveres, busca e salvamento, detecção de tumores cancerígenos e tantas outras aplicações, e não tardou a ser empregado na defesa Nuclear, Biológica, Química e Radiológica (NBQR), juntamente com os diversos equipamentos disponíveis no mercado.

Entre as possibilidades de apoio à defesa NBQR, a equipe de adestradores do Pelotão de Cães de Guerra do Batalhão de Defesa Nuclear, Biológica, Química e Radiológica de ARAMAR (BtlDefNBQR-ARAMAR) sugere os seguintes empregos como os mais adequados: localização de pessoas em locais providos de instalações químicas e biológicas quando da ocorrência de acidentes ou incidentes; detecção de agentes químicos e biológicos, mesmos antes de serem lançados no ambiente; e, por último, atuação em apoio a uma equipe de cães detectores de explosivos.

Atualmente, nos Estados Unidos, condutores e cães são habilitados por meio de um curso com duração de oito semanas, que os capacita a detectar os seguintes agentes: Gás Sarin, Gás Mostarda,

Antrax (duas cepas) e Toxina Botulínica. Após o curso, adestrador e cão recebem uma certificação que os habilita a realizar tal atividade. Versatilidade, rapidez, confiabilidade e capacidade de adaptar-se tão bem quanto o homem aos diversos ambientes fazem do cão um elemento fundamental nos combates modernos. Ademais, o uso dos cães insere o CFN na vanguarda em busca do aprimoramento dos meios de combate, como fazem as maiores potências militares do mundo.



Figura 3: Equipe de detecção de explosivos nos 5º Jogos Mundiais Militares
Fonte: o autor (2011)

Referências

CARDOSO, Fátima. Armas químicas e biológicas: a mesma ciência que inventou os inseticidas... **Super Interessante**. [São Paulo], jun. 1989. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/armas-quimicas-biologicas-ciencia-servico-mal-439032.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

ONNING, James. **Armas químicas também na Síria?**... Disponível em: <[-quimicas-tambem-na-siria-como-chegamos-a-essa-situacao>. Acesso em: 02 jun. 2015.](https://professorjamesonning.wordpress.com/2012/08/21/armas-</p></div><div data-bbox=)

PATERNIT, Michael. Cães: heróis de guerra. **National Geographic Brasil**, [São Paulo], jun. 2014. Disponível em: <<http://viajeaquil.abril.com.br/materias/caes-de-guerra-uma-historia-de-lealdade#3%29>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

Pastor Belga Malinois

